

CARTAS A CLIO:

.....
EXPERIÊNCIAS DE PESQUISA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
HISTÓRIA SOCIAL DA AMAZÔNIA



Comissão Científica

David Alejandro Ramírez Palacios (PPHIST/UFPA)

José Alves de Souza Junior (PPHIST/UFPA)

José Maia Bezerra Neto (PPHIST/UFPA)

Karl Heinz Arenz (PPHIST/UFPA)

Nelson Rodrigues Sanjad (PPHIST/UFPA/MPEG),

Marcelo Ferreira Lobo (SEDUC/CE)

Mauro César Coelho (PPHIST/UFPA)

Rafael Ivan Chambouleyron (PPHIST/UFPA),

Rosangela da Silva Quintela (UEPA)

Conselho Científico da Coleção Floresta

Casimira Grandi (Università di Trento – Itália)

Chantal Cramoussel (Universidad de Guadalajara – México)

João dos Santos Ramalho Cosme (Universidade de Lisboa – Portugal)

Mark Harris (University of Saint Andrews – Escócia)

José Luis Ruiz-Peinado Alonso (Universitat de Barcelona – Espanha)

Oscar de la Torre (University of North Carolina – Estados Unidos)

Maria Luiza Ugarte (Universidade Federal do Amazonas)

Luis Eduardo Aragón Vaca (Universidade Federal do Pará)

Rosa Elizabeth Acevedo Marin (Universidade Federal do Pará)

Érico Silva Alves Muniz (Universidade Federal do Pará)

Clarice Nascimento de Melo (Universidade Federal do Pará)

Lígia Terezinha Lopes Simonian (Universidade Federal do Pará)

SARA DA SILVA SULIMAN
LIVIA L. SILVA FORTE MAIA
MILTON PEREIRA LIMA
DAVID A. RAMÍREZ PALACIOS
(Organizadores)

CARTAS A CLIO:

.....
EXPERIÊNCIAS DE PESQUISA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
HISTÓRIA SOCIAL DA AMAZÔNIA



2022

Copyright © 2022 Os organizadores
1ª Edição

Direção editorial: José Roberto Marinho

Primeira Comissão de Revisão:

Darlan Rodrigo Sbrana
Elias Abner Coelho Ferreira
Felipe William dos Santos Silva
Leonardo Castro Novo

Revisão: Paula Santos

Capa: Fabrício Ribeiro

Projeto gráfico e diagramação: Fabrício Ribeiro

Edição revisada segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cartas a Clío: experiências de pesquisa de pós-graduação em história social da Amazônia /
organização Sara da Silva Suliman...[et al.]. – 1. ed. – São Paulo: Livraria da Física, 2022. –
(Florestas; 1)

Outros organizadores: Livia L. Silva Forte Maia, Milton Pereira Lima, David A. Ramírez Palacios.
Bibliografia.
ISBN 978-65-5563-218-7

1. Amazônia 2. Amazônia - História 3. Amazonia - História social I. Suliman, Sara da Silva. II.
Maia, Livia L. Silva Forte. III. Lima, Milton Pereira. IV. Palacios, David A. Ramírez.

22-114070

CDD-981.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Amazônia: História 981.1

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida
sejam quais forem os meios empregados sem a permissão da Editora.

Aos infratores aplicam-se as sanções previstas nos artigos 102, 104, 106 e 107
da Lei Nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998



EDITORIAL

Editora Livraria da Física
www.livrariadafisica.com.br

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO

Criado em 2004, o Programa de Pós-Graduação em História Social (PPHIST), vinculado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Federal do Pará (UFPA), tem construídos estudos sobre a Amazônia invariavelmente alinhados às tendências historiográficas nacionais e internacionais. Com um diversificado perfil do corpo docente, que também se observa nas linhas de investigação, o programa tem se tornado um espaço importante de contribuição e renovação historiográfica com produção significativa em que se inserem Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado, relevantes nas suas temáticas e na articulação que estabelecem com os novos enfoques historiográficos.

A percepção mais ampla da Amazônia de florestas e cortadas por muitos cursos d'água que tornam à terra úmida e colabora na sua fertilização, mas que também permitem os deslocamentos e comunicações, exige um exercício de investigação e uma perspectiva de análise que valorize as experiências vividas nesta vasta região e as múltiplas conexões, fluxos e compulsões internas e externas, historicamente construídas. O caleidoscópico movimento das populações e a forças das instituições deram lugar a projeções de dramas e experiências sociais diversas e de complexidade em relevo, o que tem imprimido ao programa um caráter inovador e renovador, com novas, instigantes e necessárias abordagens.

Os livros que aqui apresentamos, neste ano de 2021, em que o programa completou 10 anos de criação do doutorado e 17 anos de existência, fazem parte da *Coleção Floresta*, vinculada ao IFCH, e são resultados dos trabalhos de professores e egressos do PPHIST. Revelam um promissor momento da pesquisa histórica na Amazônia abordando temas e temporalidades variadas que oferecem, como observaremos, novos aportes e novas interpretações sobre a Amazônia.

Um dos iniciais objetivos comuns destes livros, é o de mostrar as variedade e complexidades do espaço amazônico, seu passado histórico e os fatores condicionantes que se tem mantido vigente em sua atualidade, assim como as relações produzidas com a introdução de novos enfoques de estudos. Assim, se foi perfilado um espectro de temas relacionados com questões espaciais,

identitárias e de poder. Experiências comuns, valores partilhados e sentimentos de pertencimentos foram observados em ambientes condicionantes por relações de poder e medidos por espaços forjados na luta e dentro das práticas que o configuram e o reproduz. A Amazônia se revela nestes estudos como espaço modelar em que os agentes que o operam socialmente, constroem percepções, representações e estratégias de intervenção em diferentes temporalidades.

Tais trabalhos de pesquisa, sem dúvida, constituem contribuições originais e, sobretudo, desnaturalizadoras como se propõem ser os estudos que assumem, como coerência e autenticidade, a relação com o passado e demandas presente, tendo como eixo central de diálogo, a história social em contexto amazônico e suas conexões. Os trabalhos reunidos propiciam aos leitores, ademais, um profícuo exercício de crítica historiográfica, métodos e análises documentais. Como apontado, percorrem searas das mais diversas, adensando as riquezas de suas contribuições, quanto à análise de estratégias para enfrentar variadas formas de controle, pensar as ações de domesticação e dominações estabelecidas por agentes e agências oficiais, assim como revelar práticas de resistências, lutas e enfrentamentos.

Os textos expressam, simultaneamente, pesquisas em andamento e outras já concluídas. Temáticas, temporalidades e enfoques plurais que apenas um programa consolidado poderia construir. Diante de tantas e inovadoras contribuições, a intenção é que o leitor estabeleça um exercício de escolha mais consentâneo a seus interesses e afinidades, estando certo de que encontrará nestas coletâneas um conjunto de leituras, instigantes, necessárias e provocativas.

Aproveitamos para registrar os nossos cumprimentos e agradecimentos a CAPES pelo apoio financeiro para publicação, o que expressa o compromisso com o desenvolvimento da pesquisa e a formação superior no Brasil e na Amazônia. Estendemos os cumprimentos ao Programa de Pós-Graduação em História Social, ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e a Universidade Federal do Pará pelo apoio institucional e envolvimento dos seus professores e técnicos na construção destas importantes obras bibliográficas.

Um bom exercício de leitura é o que inicialmente desejamos.

Fernando Arthur de Freitas Neves

Diretor do IFCH

Francivaldo Alves Nunes

Coordenador do PPHIST

“Se uma parte de nós acha que pode colonizar outros planetas, significa que ainda não aprenderam nada com a *experiência* aqui na terra” (Trecho do livro *A vida não é útil*, escrito pelo intelectual indígena Ailton Krenak, em 2020).

“Quando o último peixe estiver nas águas e a última árvore for removida da terra, só então o homem perceberá que ele não é capaz de comer seu dinheiro” (Wakya Un Manee, indígena norte-americano também conhecido como Vernon Foster. Trecho de *A vida não é útil*”, de Krenak (2020, p. 13).

SUMÁRIO

Apresentação	11
Introdução	15
 Primeira parte – História Indígena e do Indigenismo na Amazônia	
1. Mortos, antepassados e fantasmas: comentários a respeito da cristianização de territórios da Amazônia tupi	23
<i>Darlan Rodrigo Sbrana</i>	
2. Sobre a mão de obra indígena e a fabricação de embarcações na Amazônia colonial portuguesa	33
<i>Elias Abner Coelho Ferreira</i>	
3. Diálogos entre mulheres, tempos e lugares: Michelle Perrot e as Indígenas Mulheres na Amazônia Colonial Setecentista	41
<i>Lúvia Lariça Silva Forte Maia</i>	
4. Os caminhos da pesquisa sobre agentes locais, circulação e redes de conhecimento na Amazônia	51
<i>Matheus Camilo Coelho</i>	
5. Pesquisa sobre História Indígena no lugar Amazônico	61
<i>Milton Pereira Lima</i>	
6. Em diálogo com Marta Amoroso sobre o “espectro da morte” nas missões religiosas oitocentistas	67
<i>Sara da Silva Suliman</i>	
 Segunda parte – Escravidão Negra e Abolicionismo na Amazônia	
7. Caminhos da pesquisa sobre crianças e menores na Amazônia do século XIX: uma carta para Colin Heywood	77
<i>Victor Hugo Modesto</i>	

8. “Por possuir a precisa aptidão, dou a liberdade”: Os Contratos de Trabalho em Igarapé-Miri, Abaetetuba e Mojú (Grão-Pará, 1881-1888) 83
Sônia Viana do Nascimento
9. Chovem possibilidades nos campos de Joanes (Marajó/Pará) 93
Raíssa Cristina Ferreira Costa
10. Notas de pesquisa sobre o processo de alforria escrava na cidade de Belém 99
Viviane Patrícia Fitz Gerald Frazão

Terceira parte – Territórios e Territorialidades

11. Conflitos éticos e territoriais em comunidades indígenas do baixo Tapajós 111
Bruna Maytapu Josefa de Oliveira Vaz
12. O Diretório na Capitania do Maranhão: meandros da construção da pesquisa 117
Felipe William dos Santos Silva
13. Diálogos sobre revoltas militares – século XVIII 125
Leonardo Augusto Ramos Silva
14. “Quando a aldeia se torna vila”: notas e notícias de pesquisa 133
Marcela Gomes Fonseca

Quarta parte – História, Ensino, Educação e Cultura na Amazônia

15. Informações do meio do mundo a um *metropolitano* 141
Andreia Martel Torres
16. Carta sobre intelectuais, memória histórica e futebol 147
Leonardo Castro Novo
17. Algumas inquietações sobre a História do Brasil narrada pelos livros didáticos brasileiros 155
Taissa Cordeiro Bichara

APRESENTAÇÃO

O presente livro é o resultado, inesperado e um pouco heterodoxo, do Seminário de pesquisa da linha “Etnicidade e Territorialidades: usos e representações” do Programa de Pós-graduação (PPHIST) em História, da Universidade Federal do Pará (UFPA), ministrado por mim como parte da minha estância pós-doutoral em dito programa, entre novembro de 2021 e março de 2022, anos de pandemia. “Ministrado” é um jeito de dizer, pois a natureza e dinâmica do seminário — a palavra bem de “semente” — é justamente a de os estudantes falarem, apresentarem, exporem e se exporem — com tudo e com os seus receios normais: “O que vão pensar meus companheiros?”, sejamos sinceros, conta, pesa.

Eu, apesar de levar meia vida no Brasil, continuo sendo estrangeiro — até escutei em sala de aula aquela frase “não sei como será na Colômbia, mas no Brasil...”. E, também, o Pará não é São Paulo: para muitas coisas, é até outro país. Aliás, formado em História, passei as pós-graduações todas na Geografia: dupla, triplamente estrangeiro então, “repatriado” entre historiadores.

No PPHIST, já tinha tido a oportunidade de participar de mais de um processo seletivo de novos alunos, o que implica ler centenas de projetos de pesquisa de cada vez. Certos padrões começam a aparecer e, na disciplina, alguns ficaram mais evidentes. Um deles, que não é exclusivo do PPHIST nem muito menos (de fato me parece que até já é parte cultura acadêmica nas humanidades em geral), é que os projetos de pesquisa costumam partir do final, da conclusão. Parece estranho falar isso — e os estudantes sentiram essa estranheza. Mas, quem quiser provas, basta repassar o resumo dos projetos dos companheiros com esse olhar para perceber que, me atrevo a dizer, a grande maioria já anuncia nele a conclusão da pesquisa.

Por que sucede isto? Por que o evidente desconforto dos alunos ao serem questionados nesse sentido? Como revelado por eles mesmos, trata-se muitas vezes de uma maneira segura de agir na cruel luta pela sobrevivência acadêmica, uma forma de adaptação: o candidato demonstra que tem conhecimento do assunto e que pertence a uma certa linha de pesquisa na qual os “conceitos”,

aliás, já se conseguem prontos. Então, por qual razão esses pesquisadores(as) entrariam no terreno incerto e movediço das perguntas, os problemas, as dúvidas e os dilemas, se podemos pisar no chão seguro de uma conclusão validada por uma venerável teoria (paradoxalmente, nesses tempos “decoloniais”, quase sempre de um inglês ou um francês do século XX), ideologia, mestre ou grupo de pesquisa?

“Mas então você já chegou numa conclusão?”, “quais são as tuas perguntas?”, “o que você ainda não entende e quer entender?”, perguntas como essas — sim, a primeira delas provocadora, mas apenas básicas as outras duas —, formuladas frequentemente por mim na sala de aula virtual — e algumas das cartas o testemunham —, chegaram a gerar, às vezes, principalmente no começo, uma atitude defensiva, como perante uma confrontação. Mas, aos poucos, também, uma reflexão.

“O senhor pode ter até razão, mas é isso o que se espera, é isso o que é cobrado”. E é verdade: a prova é que uma pergunta normal nas entrevistas é “O que você quer demonstrar?”, ou até “Qual é a tua tese?”. Teria razão, na minha opinião, o aluno que respondesse: “ainda não sei o que vou demonstrar, e ainda não tenho uma tese. Tenho algumas boas perguntas, que batem na minha cabeça, e tenho algumas hipóteses”. Pois: como pode um estudante elaborar, chegar a uma tese, sem levantar primeiro uma questão ou um grupo de questões informadas? Como pode edificar uma demonstração sem ter realizado a pesquisa? O formato mesmo do projeto deixa a “problemática” em quarto ou quinto lugar, lá escondida, quando deveria ser o primeiro ponto! E mesmo existindo essa seção “Problemática” no formato, não é raro encontrar projetos sem um signo de interrogação só!

Em muitos casos, não apenas nos projetos (onde é até mais compreensível) mas também no seu desenvolvimento, pesa mais o “marco teórico” escolhido do que a análise dos conteúdos dos documentos. Mas é que as teorias se elegem, de entrada, de um leque ou mostruário? No meu entendimento, as teorias se desenvolvem, junto com a pesquisa. Teoria, argumento, conceito, enredo: é a lógica geral que dá sentido aos achados, uma explicação que se desenvolve, não um produto que se adquire na loja de teorias. Não é possível começar com o “marco teórico”, da mesma forma que, parafraseando Latour, um pintor não começa pela moldura.

Claro, ninguém chega virgem a um mestrado ou um doutorado. Todo mundo tem inclinações “teóricas”, inclinações que vão orientar os temas, as perguntas e a abordagem (pois, aliás, não se trata de jogar toda a bagagem fora, nem nada parecido). Agora, a abordagem, o modo de fazer, esse podemos chamar de metodologia, e a metodologia é necessário sim ser escolhida desde o começo. Pode mudar no caminho, mas é uma decisão acerca de como encarar as perguntas levantadas com o material disponível — ou até de qual é o material potencialmente mais produtivo em função de ditas questões. Isso é uma coisa, outra diferente é trabalhar para demonstrar que é correta a teoria do francês tal ou que é possível aplicar o conceito do inglês tal (geralmente o conceito de “experiência” de Thompson, que aliás figura no título da persente coletânea, demonstrando a sua aplicabilidade quase que genérica e universal). “Em teoria”, sabemos que é ao contrário: que as teorias devem se adaptar à evidência e não a evidência à teoria — é até um lugar comum. Mas às vezes achamos que não somos capazes. “Desenvolver conceitos originais é coisa de gênios e de privilegiados tipo Thompson”, chegou a exprimir uma aluna, quem, imediatamente, após uma pausa, duvidou, e voltou atrás: nós podemos também, por que não? Produzir conhecimento original em historiografia decerto não é fácil, mas também não é impossível: se se fazem boas perguntas, me parece, é maior a possibilidade de chegar a teses interessantes.

E ali vem a história das “Cartas a Clio”. Como trabalho final da disciplina, após as apresentações de cada um (acompanhado de seu respectivo orientador, como é costume no PPHIST, costume que, ao começo, achei que podia ser constrangedora para o estudante, mas que acabou demonstrando-se muito enriquecedora), costuma-se pedir ou uma nova — mais uma — versão do projeto, um “sumário comentado” ou até o rascunho de um capítulo. No entanto, com o objetivo de estimular a reflexão por escrito e a escrita criativa, de obrigar os alunos a abrir o coração e exprimirem seus dilemas, dúvidas e temores, decidi propor-lhes a redação de uma carta. Pedi para eles então contarem a sua pesquisa a um “*crush* estrangeiro”, também historiador(a), mas, com o fim de forçar a escrita explicativa (e para eu poder aprender mais do Pará e não tanto de Thompson e Chartier ou Certeau), não familiarizado com a história do Brasil e muito menos com a da Amazônia ou a do Pará. O enunciado dizia assim: “Uma carta, de no máximo 4 páginas, dirigida a um *crush* estrangeiro, também historiador ou historiadora, contando de que se trata a sua pesquisa,

quais tem sido suas dúvidas e dificuldades, e quais seus avanços, principalmente os conseguidos no último semestre”.

Peguei-lhes um pouco de surpresa — e surgiram algumas dúvidas: “Uma carta, como coloca isso no Lattes?” (na verdade, essa dúvida surgiu depois, quando eles mesmos tiveram a ideia de publicá-las: nem tudo na vida é o Lattes meus amigues!); “O *crush* deve ser real ou pode ser fictício”? etc. Veio então a clarificação: “a carta pode ser dirigida a um amigo ou amiga, ou amigüe, imaginário ou real, que entende de história, mas que não conhece o Pará”.

O resultado, que o leitor tem nas mãos (ou na tela) e poderá julgar por si mesmo, foi, na minha opinião, muito positivo. Surgiram ideias, hipóteses, perguntas e clarezas que estavam ocultas. Não estou sugerindo que as dissertações de mestrado ou as teses de doutorado devam ser substituídas por cartas a amores imaginários. A ciência funcionou muito tempo a base de cartas, mas não é essa a ideia. A ideia é estimular a criatividade, a originalidade, a experimentação e a sinceridade como uma resposta mais humana à cienciometria e à luta Lattesista pela sobrevivência acadêmica.

As cartas são de todo tipo e dirigidas a todo tipo de destinatário: um amigo que conheceu num evento, uma admirada professora europeia, uma figura totalmente imaginária e, quem sabe, até um *crush* verdadeiro. Elas foram comentadas por mim individualmente no momento de elaborar os conceitos da disciplina. Posteriormente, foram também amavelmente lidas e comentadas por um grupo de orientadores, a quem dirijo um caloroso agradecimento pela revisão, mas também pela sua participação nos encontros da disciplina. No entanto, após os retoques, elas conservam a sua autenticidade e espontaneidade. Entregamos então à “Coleção Floresta” do PPHIST estas “Cartas a Clio” com as quais, acredito, alguns se sentirão identificados.

David Alejandro Ramírez Palacios
Pesquisador PNPd-CAPES – PPHIST-UFPA

INTRODUÇÃO

A publicação **Cartas a Clio: Experiências de Pesquisa de Pós-graduação em História Social da Amazônia** reúne textos que foram escritos em formato de cartas produzidos por estudantes de cursos de mestrado e doutorado do Programa de Pós-graduação História Social da Amazônia (PPHIST), da Universidade Federal do Pará (UFPA).

A proposta manifestou-se a partir de um “experimento historiográfico” que foi parte do requisito avaliativo da disciplina de Linha de Pesquisa II – Etnicidade e Territorialidades: usos e representações, ministrada pelo Prof. Dr. David Alejandro Ramírez Palacios (PPHIST/UFPA), no período de novembro de 2021 a março de 2022. O desafio colocado a nós foi de escrever uma carta fictícia para um(a) interlocutor(a) de pesquisa estrangeiro(a), um(a) *crush* estrangeiro(a), informando a ele(a) o caráter e atual estágio de nossas pesquisas de mestrado e doutorado no PPHIST.

O propósito com esse experimento não previa o envio das cartas aos destinatários(as), esperava-se que nós, futuros mestres(as) e doutores(as), vivenciássemos um exercício reflexivo de natureza metodológica sobre nossas pesquisas. Assim, cada colega escolheu seu(sua) *crush* pesquisador(a) estrangeiro(a) para endereçar sua carta. Outros(as) decidiram enviar sua carta para pesquisadores(as) brasileiros(as) que tinham mais afinidade de pesquisa e os(as) mais criativos(as) deram vida aos seus(suas) interlocutores(as), (re)criando personagens para estabelecer esse diálogo.

As cartas, além de um experimento historiográfico e metodológico, são formas de homenagear e saudar pesquisadores(as) que lemos durante toda a trajetória acadêmica, muitos desses(as) pesquisadores(as) não tivemos e/ou não temos a oportunidade de conhecer e conversar pessoalmente. Através das missivas podemos imaginar como esse diálogo aconteceria!

Sabemos que esse projeto é ousado, difere da escrita acadêmica formal que estamos habituados(as). Afinal de contas, a escrita missivista apresentada nessa publicação remete às esferas da intimidade e da informalidade, pode apresentar diferentes estilos de escrita, finalidades e formas de recepção.

Salientamos esse aspecto da publicação, pois sabemos do estranhamento da academia ao se defrontar com uma coletânea produzida em gênero epistolar, algo que foi alvo de muitas indagações por ser um trabalho que transcende as caixinhas técnicas e modelos acadêmicos cristalizados pela academia, como se fosse alguma heresia histórica ou científica que foge dos padrões estabelecidos pelo academicismo em seu sentido mais amplo e macro categórico.

Mas ora, gostaríamos de indagar aos(as) leitores(as): Não teria sido um dos maiores clássicos da nossa historiografia o livro *A Apologia da História ou o Ofício do Historiador*, escrito pelo francês Marc Bloch em gênero epistolar enquanto esteve preso por lutar na resistência francesa contra o nazismo? Não teria sido o livro organizado pelo historiador Lucien Febvre a partir de inúmeras cartas que Bloch escreveu ao seu filho explicando “O que é História?”.

Não temos a audácia de nós comparar à genialidade de Marc Bloch, até porque ele teria sido um homem muito mais feliz, e talvez genial, cremos, se tivesse conhecido o “país das Amazônias”, pois são muitas, diversas e plurais, como demonstramos nesta coletânea. Mas partimos de Bloch para apontar que a escrita das cartas, ainda que ficcional, foi um experimento acadêmico que nos permitiu autorrefletir e, principalmente, problematizar nossas pesquisas.

Saindo do campo da História e nos lançando no campo da Literatura, também podemos dizer que o gênero epistolar é aquele cujas obras são construídas a partir de uma sucessão de cartas trocadas pelos interlocutores em comunicação. Essas epístolas permitem a construção de narrativas e reflexões. Um dos romances epistolares mais famosos é o “Drácula”, escrito pelo irlandês Bram Stoker e publicado em 1897.

Portanto, diante de tais exemplares magníficos e exaltados pela roda da fortuna crítica, devemos salientar que em nada esse formato diminui a empreitada que estamos construindo nesta coletânea, pelo contrário, acreditamos que essa ousadia poderá suscitar novas e diferentes publicações acadêmicas no futuro.

Ao lerem as cartas, os(as) leitores(as) perceberão que tratam de textos que, com toque de intimidade, permitem acompanhar diferentes percursos formativos, teóricos, metodológicos e experiências de pesquisa sobre história da Amazônia. Não são textos prontos e acabados, ao contrário, são textos com indagações e problemas em História, que talvez encontrem seus(suas)

interlocutores (as). Também são textos que podem ser trabalhados em sala de aula, na graduação em História ou em outras áreas, em disciplinas introdutórias à pesquisa em História ou sobre a História da Amazônia, como exemplar da construção de investigação histórica.

A publicação está organizada em quatro partes, considerando os variados temas de pesquisas que tratam as cartas. A primeira parte corresponde a missivas que tratam da *História Indígena e do Indigenismo na Amazônia*, onde os(as) autores(as) demonstram a complexidade étnica, social, cultural, documental e teórica de se trabalhar com uma temática que exige interdisciplinaridade com a Antropologia, Arqueologia, Sociologia e outras áreas de conhecimento visando construir análises que possam romper com o apagamento construído pela historiografia tradicional sobre os povos indígenas e a história do indigenismo na Amazônia.

A segunda parte concentra as cartas que tratam sobre a *Escravidão Negra, o Abolicionismo na Amazônia e suas consequências*. Essas cartas almejam salientar não apenas o silenciamento sobre essa temática em nossa região, mas também desconstruir a tese do “vazio africano”, hoje desmistificada por uma importante e respeitada historiografia amazônica. Dessa forma, para além dessa questão, essas missivas demonstram a riqueza de possibilidades que podem ser desenvolvidas em pesquisas que tratem sobre a escravidão, os escravizados de origem africana e o abolicismo na Amazônia com suas consequências sociais e históricas para os mais diversos grupos, inclusive crianças.

A terceira parte reúne as cartas que apresentam pesquisas em *Territórios e Territorialidades*. Nesse caso, essas missivas transcendem os conceitos de espaço e território como algo que está dado pela natureza, compreendendo que não se tratam de conceitos sinônimos, mas sim de algo dinâmico, social e geograficamente construído pelo homem a partir de interesses estratégicos, de suas trajetórias humanas e de suas intencionalidades sociopolíticas dos agrupamentos humanos, inclusive indígenas e coloniais. Sem desconsiderar, é claro, aquilo que é determinado pela própria natureza, como nossos rios, também chamados de “estradas líquidas” em nosso território.

A quarta parte contempla as cartas que têm por tema de pesquisa a *História, a Educação e a Cultura na Amazônia*, considerados pontos extremamente importantes em nossa formação enquanto historiadores(as), professores(as) e pesquisadores(as). Não podemos negar a notória importância

que os trabalhos sobre história e ensino, assim como sobre cultura amazônica, desempenham em nossa conformação profissional. Consideramos essas pesquisas enriquecedoras para a compreensão do nosso ofício e sua natureza prática em sala de aula, analisando as ferramentas pedagógicas que temos disponíveis, como o livro didático, e outras questões pertinentes ao debate do ensino-aprendizagem. No que diz respeito à cultura na Amazônia, podemos dizer que ela é viva e, portanto, histórica, precisamos refletir mais sobre ela.

Por fim, agradecemos aos nossos estimados orientadores Prof. Dr. José Alves de Souza Junior, Prof. Dr. José Maia Bezerra Neto, Prof. Dr. Karl Heinz Arenz, Prof. Dr. Nelson Rodrigues Sanjad, Prof. Dr. Mauro César Coelho e Prof. Dr. Rafael Chambouleyron por aceitarem compor o Conselho Científico desta publicação, pela generosidade em acompanhar nosso percurso na organização dos textos, com leituras e indicações de correções nas versões finais das cartas. Agradecemos ainda à estimada Profa. Dra. Rosângela da Silva Quintela e ao estimado Prof. Dr. Marcelo Ferreira Lobo por colaborarem conosco através da leitura e parecer das cartas.

Aproveitamos para agradecer também ao Prof. Dr. David Palacios por nos instigar ao longo da disciplina Linha de Pesquisa II e nos provocar, de maneira acadêmica, para produzir essas cartas, que no final das contas nos ajudaram a compreender as diferentes dimensões das nossas pesquisas.

Não podemos deixar de citar em nossos agradecimentos o Prof. Dr. Francivaldo Alves Nunes, coordenador do PPHIST, Prof. Dr. Agenor Sarraf, Vice-Coordenador do PPHIST, ao Prof. Dr. Rafael Chambouleyron (PPHIST), ao Prof. Dr. Antônio Otaviano Viera Júnior (PPHIST) e ao Prof. Dr. Fernando Arthur de Freitas Neves, diretor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH/UFPA), pelo apoio e incentivo com a publicação. Esse agradecimento também se estende à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROESP/UFPA) e às agências de fomento à pesquisa como a CAPES pelo apoio financeiro para publicação.

Saudamos ainda com um agradecimento especial aos nossos colegas de turma Darlan Sbrana, Elias Abner Ferreira, Felipe William Silva e Leonardo Novo por nos auxiliarem nesse projeto e compor a comissão de revisão de ABNT e ortografia. Assim como gostaríamos de agradecer aos pesquisadores(as)/autores(as) que aceitaram embarcar nesse projeto realizado em tão pouco tempo, mas com tanta dedicação, afincamento, responsabilidade e carinho.

As cartas/as pesquisas elaboradas agora nas mãos de leitores(as) podem contribuir para debates e reflexões teóricas e metodológicas sobre problemáticas historiográficas e de campos do saber que dialogam com a história. Foi nessa dinâmica que se originou a ideia de gestar esta publicação em formato de livro evidenciando as cartas como forma de compartilhar as diversas experiências de investigação historiográfica de pesquisadoras e pesquisadores no PPHIST/IFCH/UFPA e, assim, tornar públicos temas, objetos, problemas e metodologias de quem faz pesquisa na Amazônia brasileira. Pois o pesquisador amazônico antes de tudo é um forte! Um bravo e árduo pesquisador(a) que produz com poucos e poucos recursos tentando romper a marginalização à qual foram relegadas as nossas produções diante da hegemonia sulista que se apoderou como um “grande senhor” da narrativa histórica do Brasil.

Livia L. Silva Forte Maia
Turma de Doutorado 2020

Milton Pereira Lima
Turma de Doutorado 2021

Sara da Silva Suliman
Turma de Doutorado 2020

